

## SIMPÓSIO 34

### GRAMÁTICA COMUNICATIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Embora, nas últimas décadas, os livros didáticos de Português para Estrangeiros (PPE) tenham mostrado um notável esforço na tomada em consideração dos resultados da pesquisa linguística, o tratamento que dão à gramática ainda deixa muito a desejar, na medida em que a descrição gramatical tradicional do português, língua materna, continua a ser a base do ensino do PPE. É justamente por essa razão que, muitas vezes, esses manuais ensinam mais a “evitar os desvios da norma mais frequentes do que a construir enunciados” (SUSO LÓPEZ, 2004, p. 224).

Sabendo que (i) a *significação* é inseparável do seu *contexto de produção* e das relações que os interlocutores entretêm não somente entre si, mas também com a própria língua, que (ii) o objetivo do professor de língua estrangeira é fazer com que os seus alunos adquiram uma gramática interiorizada – também chamada *competência gramatical* (GALISSON & COSTE, 1976, p. 253) –, a qual, por sua vez, lhes permitirá construir uma *competência comunicativa*; e que (iii) “aprender uma língua (...) é aprender a comunicar” (WILKINS, 1974), propomos, neste simpósio, uma discussão em torno de dois eixos principais: (i) os elementos a levar em conta na elaboração de uma gramática do PPE de acordo com os princípios da gramática comunicativa (ADAMSON, 1990; MATTE BON, 1995a, 1995b) e (ii) a utilização da abordagem comunicativa em aula de PPE. Assim, projetos de pesquisa aplicada ou básica, em curso ou concluídos, estudos quantitativos e qualitativos, relatos de experiência, entre outros, são algumas das formas que poderão tomar os trabalhos apresentados.

#### COORDENAÇÃO

**Liliane Santos**

Université Charles-de-Gaulle – Lille 3 (França) - UMR 8163 “Savoirs, Textes, Langage”  
(CNRS)

[liliane.santos@univ-lille3.fr](mailto:liliane.santos@univ-lille3.fr)

## A DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS EM PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA COMUNICATIVA: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Liliane SANTOS (Université Charles-de-Gaulle)<sup>676</sup>

**Resumo:** Como seu título indica, neste trabalho apresentamos algumas observações sobre a descrição das construções impessoais em português no quadro da gramática comunicativa, isto é, uma gramática que se dirige especialmente aos aprendizes de língua não materna e que tem por objetivo a inclusão, na descrição do funcionamento da língua, dos processos e fenômenos discursivos e comunicativos. Procuramos identificar alguns dos fatores pragmáticos e sociolinguísticos que determinam a escolha, pelo locutor, das construções em questão.

**Palavras-chave:** Construções impessoais. Português Língua Estrangeira. Gramática Comunicativa.

### 1. Apresentação

Tendo em vista que, geralmente, as gramáticas e os livros didáticos consideram a língua como um sistema de regras de combinação de palavras para formar frases, a *impessoalidade* – como, aliás, os demais fatos gramaticais – recebe um tratamento por “grandes famílias de palavras” (MATTE BON, 1995, p. VII), o que provoca ao menos um problema importante: o tratamento em unidades isoladas de fatos que poderiam – e deveriam, e mereceriam – ser reunidos. Dessa opção metodológica decorre a impermeabilidade entre os diferentes pontos da descrição, cuja interrelação nem sempre se percebe.

Além disso – ou justamente por isso –, o tratamento dado à impessoalidade pelos manuais didáticos concentra-se geralmente nos chamados *verbos impessoais*, com *haver* e *fazer* como paradigmas. De modo semelhante, os estudos linguísticos sobre o problema muitas vezes prendem-se a um único aspecto da questão – por exemplo, entre inúmeros outros, as “orações impessoais” (FRANCHI, NEGRÃO & VIOTTI, 1998), o “sujeito nulo” (BARBOSA, DUARTE & KATO, 2005; CARRILHO, 2000; GONÇALVES, 2002), os “sujeitos indeterminados” (DUARTE, KATO & BARBOSA, 2003). E, mesmo quando escolhem um ponto de vista mais abrangente (cf. ILARI, 2010), tais estudos têm geralmente pouca ou nenhuma influência sobre a produção de materiais didáticos para o ensino de Português, seja como língua materna, seja como língua estrangeira.

Como se sabe, as formas de expressão da impessoalidade são múltiplas e variadas, assim como múltiplos e variados são os papéis e as atitudes do locutor, elemento essencial para a definição das diferentes nuances de cada uma das construções utilizadas e dos operadores escolhidos.

Neste trabalho, que retoma uma discussão anterior (cf. SANTOS, 2011), apresentaremos uma proposta de descrição das formas de expressão da impessoalidade em língua portuguesa, de acordo com os pressupostos teóricos da gramática comunicativa, isto é, uma proposta de descrição dos fatos gramaticais em que as intenções comunicativas ocupam um lugar central, pois o que se considera importante é a capacidade do aprendiz em criar enunciados em lugar de simplesmente repetir frases. Assim, trataremos das construções com *alguém, tu/você, a gente, todo (o) mundo, as pessoas, a 3ª pessoa do plural* e as construções

<sup>676</sup> UMR 8163 “Savoirs, Textes, Langage” (CNRS) e Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, Villeneuve d’Ascq – France. E-mail: liliane.santos@univ-lille3.fr.

com *se*. Nossa descrição mostrará que, além da atitude do locutor, o registro é um fator decisivo para a decisão de não apresentar explicitamente o referente do sujeito de um verbo.

## 2. Pressupostos teóricos: a gramática comunicativa

Tomando como ponto de partida a ideia de que aprender uma língua significa aprender a se comunicar (cf. WILKINS, 1974), não apresentaremos aqui uma discussão aprofundada sobre o que é a gramática comunicativa; para essa discussão, remetemos a trabalhos anteriores (SANTOS, 2008, 2011). Neste trabalho, somente destacaremos alguns elementos dessa corrente teórica, começando pela observação de que a descrição da gramática de uma língua não se reduz à descrição do “sistema da língua” – seja no sentido tradicional, seja no sentido estruturalista. Como indica Suzo López (2004, p. 203, nossa tradução),

A descrição da gramática de uma língua deve integrar tudo o que esteja envolvido no funcionamento da língua em situação de comunicação: as regras derivadas dos usos, as regras segundo as quais a comunicação ocorre, as modalidades dos discursos e dos textos que os locutores interiorizaram e que utilizam continuamente (...). Neste sentido, possuir a “gramática” de uma língua equivale a possuir uma competência interiorizada dessa língua.

Nessa mesma linha de pensamento, Matte Bon (1995: VI, nossa tradução, sublinhado pelo autor) define a noção de *gramática comunicativa*, que para ele é

uma gramática que se baseia na análise do funcionamento dos idiomas a partir de uma perspectiva que leve em conta a comunicação; [uma gramática] em que se analisam todos os matizes e em que nada se dá por conhecido; em que se reconhece um novo papel central às interpretações dos enunciados analisados, como base para a compreensão do funcionamento do sistema. Também é **uma gramática que situa os interlocutores e a interação no centro da análise**. Adquire, portanto, importância fundamental o modo como os falantes dizem as coisas, em cada situação, de acordo com as suas intenções comunicativas.

Sendo assim, trata-se de uma gramática para aprendizes estrangeiros que inclui *necessariamente*, na própria descrição dos fatos da língua, o contexto de utilização (ou situação de comunicação) e locutores concretos – e diversos. Em outros termos, trata-se de *uma gramática dos processos e não das categorias* – ou *uma gramática do discurso e não do código*.

## 3. Uma proposta de descrição

Inúmeras razões, todas ligadas à situação de enunciação, podem levar um falante a não explicitar o referente do sujeito de um verbo: “o fato de não saber qual é esse sujeito, de não querer dizer quem ele é, de não lhe interessar, na situação considerada e tendo em conta as suas intenções comunicativas, porque prefere ocultá-lo por alguma razão, etc.” (MATTE BON, 1995, p. 41). Vamos, a seguir, apresentar algumas considerações a respeito das construções impessoais em português, concentrando a nossa atenção naquelas em que a explicitação do referente do sujeito verbal é facultada ao falante – excluindo desta discussão, portanto, as construções intrinsecamente impessoais<sup>677</sup>.

<sup>677</sup> Chamamos “intrinsecamente pessoais”, por exemplo, certas construções com os verbos *haver*, *fazer*, *ter*, *ser* e os verbos que indicam fenômenos meteorológicos.

Como afirmamos acima, fatores pragmáticos e comunicativos explicam as escolhas feitas pelo locutor e as variações no uso das construções impessoais. É o que veremos a seguir. Começaremos com algumas observações sobre as construções com *alguém*.

### 3.1. Alguém

Quando o locutor não conhece a identidade do sujeito verbal, mas deseja indicar que se trata de uma pessoa específica, utiliza o pronome *alguém* com o verbo na 3ª pessoa do singular. Comparem-se:

- (1) a. A Cecília telefonou?
- b. Quem telefonou?
- c. *Alguém* telefonou?

Como se vê, enquanto em (1a) o referente do sujeito verbal é indicado claramente e em (1b) o locutor pergunta sobre a identidade do sujeito, em (1c) a identidade desse sujeito é-lhe desconhecida. Note-se, além disso, que, como se trata de enunciados interrogativos, também diferem as indicações quanto ao que é informação conhecida/nova: em (1a), o foco da pergunta recai sobre o verbo (pode ser o caso, por exemplo, numa situação em que se esperava um telefonema da pessoa citada); em (1b), o pressuposto é de que houve um telefonema, cujo autor é desconhecido, ao passo que, em (1c), tanto o fato de ter havido um telefonema quanto o seu autor eventual são foco da pergunta. A comparação dessa situação com a dos enunciados afirmativos correspondentes traz informações interessantes:

- (1) d. A Cecília telefonou.
- e. \* Quem telefonou.
- f. *Alguém* telefonou.

Por razões evidentes – *quem* sendo reservado aos contextos interrogativos –, (1e) é inaceitável. Quanto a (1d), mantém-se o pressuposto presente em (1a) de que o sujeito é a informação conhecida, assim como em (1f) o referente do sujeito permanece desconhecido, tal como era o caso em (1c).

### 3.2. Tu/você

O uso das formas de 2ª pessoa (*tu/você*) ocorre nos casos em que o locutor apresenta o que diz como algo impessoal com um valor geral, sem necessariamente se incluir entre os sujeitos possíveis, mas convidando o seu interlocutor a fazê-lo. Vejam-se:

- (2) A opção pelo português surgiu naturalmente. A razão é simples: o inglês torna-se muito vazio e impessoal para *dizeres* aquilo que *queres*. *Tu pensas* em português, *falas* em português, *sonhas* em português, faz todo o sentido! (...) <sup>678</sup>.
- (3) Eu acho que é preciso que as pessoas tenham responsabilidade porque, na medida em que *você* coloca a cara de uma pessoa em um jornal, sendo presa e algemada, e no dia seguinte *prova* que ela é inocente, é preciso que tenha alguém tenha a coragem de vir a público pedir desculpa, porque nós estamos cansados de ver injustiça acontecer neste país <sup>679</sup>.

Evidentemente, um exemplo como (2) é representativo do português europeu (PE), enquanto (3) é representativo do português brasileiro (PB). Podemos, no entanto, encontrar ocorrências de *tu* no PB, com menor frequência e, em alguns casos, algumas diferenças: o

<sup>678</sup> Exemplo extraído de Martini, Linda. A caminho da aparição. *Visuais & Barulhos*, ed. 24, out. 2005. Disponível em <http://www.ruadebaixo.com/linda-martini.html>. Acesso em 14.out.2009.

<sup>679</sup> Trecho da declaração do ex-Presidente Lula à imprensa a respeito da atuação da Polícia Federal, em 13.ago.2011. Disponível em [http://cafehitoria.ning.com/profiles/blogs/na-ntegra-a-declara-o-de-lula-sobre-a-atua-o-da-pol-cia-federal?xg\\_source=activity](http://cafehitoria.ning.com/profiles/blogs/na-ntegra-a-declara-o-de-lula-sobre-a-atua-o-da-pol-cia-federal?xg_source=activity). Acesso em 15.ago.2011.

pronome tenderá a ser mais frequentemente expresso e o verbo poderá estar na 3ª pessoa do singular. Aqui, fatores sociolinguísticos (classe social, nível de escolaridade e região de origem do falante) permitem explicar essa variação. De modo semelhante, fatores sintáticos (a perda do sujeito nulo referencial, no PB, cf. DUARTE, KATO & BARBOSA, 2003) explicam o fato de que o PB terá uma tendência maior a preencher a posição de sujeito do que o PE.

No exemplo (3), é interessante observar a utilização de uma série de expressões impessoais: *as pessoas, você, uma pessoa, alguém, nós*. Esse encadeamento de marcas de impessoalidade permite ao locutor “esconder-se” atrás do enunciado, apresentando como genéricas observações de que ele é não somente o autor, mas sobretudo a fonte enunciativa. Note-se, além disso, que a última dessas marcas (*nós*) é justamente aquela em que ele se revela (ao incluir-se entre os referentes possíveis), mas somente parcialmente, pois o uso do plural também tem por efeito a apresentação do conteúdo enunciado como tendo um valor genérico. Evidentemente, o funcionamento de cada uma dessas expressões mereceria ser aprofundado, assim como o efeito produzido pelo seu encadeamento – o que não faremos aqui, por razões de espaço.

### 3.3. A gente/nós

Ao utilizar *a gente*, o locutor confere ao seu propósito um valor geral, incluindo-se, assim como o seu interlocutor, entre os possíveis referentes do sujeito verbal. Note-se, portanto, que, ao utilizar *a gente*, o locutor implica que há vários referentes e que ele próprio é o único conhecido:

- (4) Deixa eu dizer para vocês uma coisa: a PF é uma instituição da maior respeitabilidade. *A gente* não pode julgar uma corporação por um equívoco de um delegado ou de um funcionário.<sup>680</sup>

É nesse sentido que *nós* e *a gente* são equivalentes, pois *nós* também pode ser utilizado para dar ao enunciado um valor geral, no qual locutor e interlocutor são incluídos, pelo primeiro, entre os possíveis referentes do sujeito do verbo, o locutor continuando a ser o único referente conhecido:

- (5) quando *a gente* quer ir à boate... *nós* vamos à Aracaju...<sup>4</sup>

Evidentemente, em certos casos *a gente* pode incluir somente o locutor e um interlocutor único e, neste caso, ambos os referentes são conhecidos:

- (6) L1 – Então, Paulo, *a gente* se vê depois da chuva?  
L2 – ‘Tá certo!

Do mesmo modo, pode haver casos em que *a gente* exclui o interlocutor do conjunto de referentes possíveis:

- (7) Visivelmente abalada e de poucas palavras, a namorada da vítima, Maiara Marins, de 24 anos, explica que ela e o estudante namoravam havia 4 anos e que ele sempre foi uma pessoa caseira. “*A gente* gostava de ficar em casa. No máximo, íamos a um restaurante e não gostávamos de ir para a balada”, conta.<sup>681</sup>

Além disso, *a gente* pode ser utilizado para permitir ao enunciador “esconder-se” atrás de um sujeito genérico:

- (8) L1 – Você entende bem do assunto!  
L2 – Pelo menos, tenho tentado...  
L1 – Com muita paixão e dedicação.

<sup>680</sup> Exemplo extraído de Matos (2009).

<sup>681</sup> Extraído de Simas, F. ‘A gente gostava de ficar em casa’, diz namorada de Felipe. *IG: Último Segundo – Brasil*. 19.maio.2011. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/a+gente+gostava+de+ficar+em+casa+diz+namorada+de+felipe/n1596965197635.html>. Acesso em 16.jun.2011.

L2 – *A gente* sempre faz o que pode... e da melhor maneira possível.

Esse tipo de uso está certamente ligado a uma regra social de modéstia, segundo a qual um elogio deve ser minimizado ou rejeitado. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1994, p. 231, nossa tradução), no caso em que o segundo locutor é alvo de um elogio, “o acordo exprime-se, com frequência, de maneira atenuada”, a generalização sendo uma das estratégias possíveis para marcar essa atenuação<sup>682</sup>. Observe-se também que, em (8), L1 já tinha começado a construir a sua estratégia de minimização, na sua primeira intervenção.

No que diz respeito à concordância, como se sabe é de praxe recomendar o uso da 3ª pessoa do singular com *a gente* e da 1ª pessoa do plural com *nós*. Mas, como também se sabe, variações ocorrem, *a gente* sendo usado com a 1ª pessoa do plural, tanto no PB quanto no PE e *nós* sendo usado com a 3ª pessoa do singular em dialetos não padrão do PB e do PE. E, se os fatores sociolinguísticos explicam esse tipo de variação, são igualmente eles que explicam a escolha entre *a gente* e *nós*. De acordo com Duarte, Kato e Barbosa (2003, p. 406), *nós* ocorre preferencialmente “na fala de informantes mais velhos com escolaridade alta”. Resultados semelhantes foram encontrados por Lopes (1998) e por Matos (2009), entre muitos outros.

### 3.4. Todo (o) mundo/as pessoas/uma pessoa/3ª pessoa do plural

As expressões acima são utilizadas quando o locutor tem a intenção de atribuir um valor de generalidade ao que diz, excluindo-se a si mesmo e ao interlocutor do conjunto dos referentes possíveis:

- (9) *Todo mundo* vai ao circo – menos eu, menos eu<sup>683</sup>.
- (10) Se as companhias de seguro se negam a arriscar o seu dinheiro assegurando a indústria nuclear, por que se deve obrigar *as pessoas* a arriscarem as suas vidas?, questiona neste artigo Dietrich Fischer, director académico da World Peace Academy<sup>684</sup>.
- (11) Com marcação de 21 dias de antecedência conseguem-se preços de 30£ por quarto/noite! Neste caso, quando *uma pessoa* quer é dormir e sair para visitar o mais possível, acho que este “tratamento impessoal” destas cadeias de hotéis até é uma vantagem em relação aos famosos e típicos Bed&Breakfast britânicos...<sup>685</sup>
- (12) *Dizem* que a crise atingirá todos os setores.

A 3ª pessoa do plural também pode ser utilizada para marcar um referente coletivo, como quando nos dirigimos a uma empresa, uma organização ou um corpo constituído de indivíduos. No entanto, em tais casos a 3ª pessoa do plural não adquire um valor impessoal, mesmo se o referente do sujeito ao qual nos dirigimos permanece um tanto indefinido, já que se trata de se dirigir a um coletivo, isto é, não se trata precisamente de se dirigir a um indivíduo.

Note-se ainda que, das expressões acima exemplificadas, *todo (o) mundo* é a única que apresenta um valor universal: as demais, embora sendo genéricas, apresentam sempre algum tipo de restrição quanto à abrangência dos referentes a considerar.

### 3.5. Se/Ø

<sup>682</sup> Esse tipo de ocorrência também pode ser analisado à luz das noções de *dom* e *contra-dom* (cf. MAUSS, 1973), além da noção de *face work* (cf. GOFFMAN, 1967), pistas que não exploraremos aqui.

<sup>683</sup> Versos iniciais da canção “O Circo”, do compositor Oscar da Penha (1924-1997), mais conhecido como Batatinha.

<sup>684</sup> Extraído de “Nuclear: por que devem as pessoas arriscar as suas vidas?”. *Esquerda.net*. Disponível em: <http://www.esquerda.net/artigo/nuclear-por-que-devem-pessoas-arriscar-suas-vidas>. Acesso em 03.abr.2011.

<sup>685</sup> Extraído de Eugénio. “Scotland”. *My opera*, 2010. Disponível em: <http://my.opera.com/yevgeny/blog/scotland>. Acesso em 14.fev.2011.

Ao utilizar o pronome *se*, o locutor apresenta o seu enunciado como tendo um valor universal, que não exclui nada nem ninguém:

- (13) Eu aprendi a fazer o sulfato de cobre com que *se* sulfatava as vinhas (PE) [DKB]<sup>686</sup>
- (14) Nem nas quadras de escola de samba do passado *se* fazia rodas de partido alto. (PB) [DKB]

Não discutiremos, aqui, questões relativas à concordância verbal nas construções com *se* (indefinido ou indeterminado). Apenas gostaríamos de observar que, nessas construções, o apagamento e a conseqüente universalização do sujeito levam a uma construção em que o foco *se* encontra no estado de coisas expresso pelo verbo, mais do que no sujeito desse verbo, sujeito que é omitido porque não é conhecido ou porque não se quer especificá-lo, ou ainda para evitar mencionar a sua identidade.

No que diz respeito à variação PE/PB, podemos observar, com Duarte, Kato & Barbosa (2003), que as construções com *se* constituem a estratégia preferida no PE, ao passo que, no PB, essas construções são preferidas por falantes mais velhos e de escolaridade mais alta.

Quanto ao sujeito nulo (aqui representado pelo símbolo “Ø”), cabe notar que ocorre em enunciados infinitivos, em alternância com o pronome *se*:

- (15) Os médicos receitam Prozac [para Ø atingir a felicidade] e o Viagra [para *se* ter potência sexual]. (PB) [DKB]
- (16) Mas [para *se* usar o preto] (...) as fábricas de pigmentos tiveram que produzir o preto em barda. (...) [Para Ø ter a adesão total da imprensa] há muito trabalho por trás. (PE) [DKB]

De acordo com Duarte, Kato & Barbosa (*op. cit.*, p. 408), a ocorrência de *se* parece ser facilitada pelos contextos de infinitivos regidos por preposição, sobretudo *para* e *de*, “nas funções de adverbiais, relativas e completivas de nome, adjetivo e verbo”.

#### 4. Considerações finais

Como vimos, além da atitude e das intenções do locutor, fatores sociolinguísticos – classe social, grau de escolaridade, idade do falante – são extremamente importantes para a escolha da estratégia de expressão da impessoalidade a utilizar. Do mesmo modo, o registro é um fator de extrema importância na determinação dos instrumentos que serão utilizados pelo falante para não explicitar um sujeito.

Com relação à exposição que acabamos de apresentar, cabe ao menos uma observação, relativamente ao fato de que essa exposição não tem a pretensão de ser exaustiva. Por exemplo, não mencionamos algumas outras formas de expressão da impessoalidade:

(i) **hiperônimo**

- (17) *Mulher* não resiste a um amor impossível!<sup>687</sup>

(ii) **1ª pessoa do singular**

- (18) L1 – Paulo, pode dirigir descalço?  
L2 – Pode. A lei diz que é proibido dirigir com calçado que não seja firme nos pés ou que comprometa o uso dos pedais. Então, se a lei não *me* proíbe de dirigir descalço, *eu* posso dirigir descalço<sup>688</sup>.

(iii) **há quem + verbo no subjuntivo**

- (19) *Há quem* acredite em milagres.

<sup>686</sup> Os exemplos identificados pelas iniciais DKB foram extraídos de Duarte, Kato & Barbosa (2000).

<sup>687</sup> Extraído do anúncio do filme *Divã*, de José Alvarenga Jr. (Brasil, 2009).

<sup>688</sup> Adaptado de um informe publicitário divulgado nas rádios brasileiras, em junho de 2013.

- (iv) o verbo *dar*  
 (20) *Dá pra acreditar?*  
 (21) *Assim não dá...*

Como com os outros casos que comentamos, também com estes últimos a finalidade da estratégia empregada varia de acordo com os instrumentos escolhidos. Assim, com o *hiperônimo* o locutor atribui um valor genérico ou universal a um propósito que, na realidade, de algum modo lhe diz respeito. Com a 1ª pessoa do singular, o locutor apresenta como sendo atribuível somente a si mesmo um enunciado que, na realidade, tem um valor genérico. Com a expressão *há quem*, o locutor refere-se a uma pequena quantidade de indivíduos, cuja identidade é indefinida. Neste caso, o enunciado não tem o mesmo valor geral que têm as outras formas de impessoalidade. Por sua vez, o verbo *dar* parece ser um equivalente bastante informal de *ser possível*, o que permite a sua inclusão entre as construções intrinsecamente impessoais e mostra o interesse que há em incluir essas construções na análise geral do fenômeno.

Antes de concluir, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, diferentemente do que ocorre com línguas como o francês e o italiano, e à semelhança do que ocorre com o espanhol, o português não permite a retomada do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do plural (*nós*) por uma forma impessoal<sup>689</sup>:

- (21) a. *Noi, la domenica si lavora.*  
 b. *Nous, le dimanche on travaille*  
 c. *Nosotros, los domingos, trabajamos.*  
 d. *Nós, aos domingos, trabalhamos.*
- (22) a. L1 – *Che fate?*  
 L2 – *Si prepara la cena.*  
 b. L1 – *Qu'est-ce que vous faites?*  
 L2 – *On prépare le dîner.*  
 c. L1 – *¿Qué estáis haciendo?*  
 L2 – *(Estamos) Preparando la cena.*  
 d. L1 – *O que (vocês) estão fazendo?*  
 L2 – *(Estamos) Preparando o jantar.*

Por fim, convém sublinhar o fato de que uma descrição desses fenômenos, nessa perspectiva, deve ser amparada por uma descrição dos *atos de fala* da língua portuguesa, tal como proposta por Johnen (2011): esse será o tema dos nossos próximos trabalhos a esse respeito.

### Referências Bibliográficas

BARBOSA, P., DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, n. 2, pp. 11-52, 2005.

CARRILHO, E. Construções de expletivo visível em Português europeu (não padrão). *Congreso Internacional de Linguística "Léxico y Gramática"*, Lugo, setembro, 2000. Disponível em: [http://www.clul.ul.pt/files/ernestina\\_carrilho/ernestina\\_carrilho\\_2003a.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ernestina_carrilho/ernestina_carrilho_2003a.pdf). Acesso em 03.abr.2011.

DUARTE, M. E. L., KATO, M. A. & BARBOSA, P. Sujeitos indeterminados em PE e PB. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, vol. 26, n. especial, p. 405-419, 2003.

<sup>689</sup> Os exemplos (18a)-(18c) e (19a)-(19c) foram extraídos de Matte Bon (1995, p. 46).

GONÇALVES, A. Uma análise de sujeitos genéricos nulos de terceira pessoa do singular em sentenças finitas raízes no Português Brasileiro. *Working Papers em Linguística*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 30-54, 2002. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/6117/5663>. Acesso em 29.mar.2011.

FRANCHI, C., NEGRÃO, E. V. & VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com *ter/haver*. *D.E.L.T.A.*, vol. 14, n. especial, 1998.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual*. Essays on face-to-face behavior. New York: Doubleday Anchor, 1967.

ILARI, R. Os pronomes do português brasileiro, algumas comparações. *Estudos Linguísticos*, vol. 39, n. 1, p. 314-330, 2010. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL\\_V39N1\\_24.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_24.pdf). Acesso em 10.abr.2011.

JOHNEN, T. Os atos de fala numa gramática comunicativa do português. Comunicação apresentada ao *III Simelp*. Macau: Universidade de Macau, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tomo 3: Variations culturelles et échanges rituels. Paris: Armand Colin, 1994.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em 07 abr.2011.

MATOS, M. Z. M. de S. A especificidade do sujeito pronominal na fala urbana itabiense. *Estudos Linguísticos*, vol. 38, n. 2, p. 313-327, 2009. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N2\\_25.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_25.pdf). Acesso em 31.mar.2011.

MATTE BON, F. *Gramática Comunicativa del español*. De la idea a la lengua. Madri: Edelsa (Tomo II), 2ª ed, 1995.

MAUSS, M. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. *Sociologie e Anthropologie*. Paris: PUF. 1973, p. 149-279.

SANTOS, L. *Para uma Gramática Comunicativa da Língua Portuguesa*. Conferência de abertura dos trabalhos do grupo de pesquisa Gramática Comunicativa do Português. Por videoconferência, Lille (França): Université de Lille 3, 26.nov.2008.

SANTOS L. Ensino de português para estrangeiros e gramática comunicativa: dos enunciados gramaticalmente corretos aos enunciados idiomáticamente adequados". *Estudos Linguísticos* vol. 40, n. 2, p. 715-725, 2011. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el\\_vol.40\\_n.2\\_Integra.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el_vol.40_n.2_Integra.pdf). Acesso em 04.abr.2011.

SUSO LÓPEZ, J. La grammaire et les descriptions de la langue: la réflexion sur le fonctionnement de la langue favorise-t-elle l'apprentissage du FLE?. In: SUSO LÓPEZ, J.

(coord.), *Phonétique, lexicque, grammaire et enseignement-apprentissage du FLE*. Granada (Espanha): Método, p. 215-258, 2004.

WILKINS, D. A. *Second-Language Learning and Teaching*. London: Edward Arnold, 1974.